

A POESIA POLIFACÉTICA DE DRUMMOND

Ana Maria Quirino

Resumo: Estudo da temática poética drummondiana, a partir do “Poema de sete faces”, considerando-se o uso da primeira pessoa lírica como condutor da postura diante dos vários temas abordados pelo poeta, em fases diferentes de sua produção, destacando-se a condição humana que faz do escritor um ser, muitas vezes, paradoxal.

Palavras-chave: Drummond (*Poema de sete faces*); temática poética.

A varia condição
Por onde se atropela
Essa ânsia de explicar-me
[...]

(*Carlos Drummond de Andrade*)

A obra de Carlos Drummond de Andrade é o retrato de um ser humano em constante transformação. Isso se mostra na riqueza e na versatilidade temática. Tal versatilidade, porém, não está só na temática, mas também no modo como o poeta encara certos fatos. Muitas vezes, diante do mesmo tema, tratado em épocas diferentes, encontramos uma atitude quase paradoxal do poeta.

Por isso, podemos afirmar que Drummond é um poeta de várias faces, o que não implica dizer que ele tenha sido várias pessoas diferentes. Não, na verdade, ele era um homem que observava todo o universo ao seu redor. E sua própria condição humana o transformou em um ser de muitas visões e, por isso, dialético.

É oportuno lembrar as palavras de TELES (1978) quando diz, a respeito de Drummond:

...não há de ser nos traços biográficos ou nas pinceladas inexpressivas que se encontrará a dimensão de sua personalidade essencialmente criadora. Mas é contemplando as palavras que escreve, e até lutando com elas, que se pode perceber através da aparência objetiva e social de sua obra – e através também da ironia que a recobre – a transparência do subjetivo e

peçoal que se oculta nesse temperamento que se diz *triste, orgulhoso: de ferro*, e que em vão se tenta explicar, pois *os muros são surdos*.¹

O seu “Poema de sete faces”, do livro **Alguma poesia**, assume características de profissão de fé do poeta. A partir desse primeiro poema, publicado no primeiro livro, pode-se perceber um mosaico da temática drummondiana, levando em conta a opção do ponto de vista adotado pelo poeta. Escrito em primeira pessoa, nele há uma variedade temática que resume, de certa forma, o que encontraremos no decorrer de seus livros. Aí, encontra-se a auto-análise da *persona* poética, o seu posicionamento como *gauche* no mundo; a observação objetiva dos homens e do cotidiano; o sensualismo; a burguesia e a família; a descrença; o sentimento do mundo; o lirismo tímido e retraído.

A primeira estrofe nos mostra um ser diferente, que vive à margem do mundo e que se sente marcado pelo destino: “Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.”²

Essa posição *gauche* é recorrente e, muitas vezes associada à solidão e ao sentimento de inutilidade. É o que vemos no “Soneto da perda da esperança”, do livro **Brejo das almas**:

Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre o meu corpo.³

O pessimismo quanto a si mesmo e quanto ao mundo aparece, algumas vezes, por meio de uma primeira pessoa triste e retraída: “Quero de mim a sentença/ como, até o fim, o desgaste/ de suportar o meu rosto.”⁴

À medida que começa a perceber o tempo e o mundo a sua volta, torna-se mais participante, mais homem do povo: “Mas eu sigo, cada vez menos solitário.”⁵

Continua, porém, o pessimismo quando observa os outros homens e percebe que este é um ser extremamente insatisfeito, sempre em busca de novas descobertas: “A tarde talvez fosse azul;/ não houvesse tantos

¹ TELES, Gilberto Mendonça. Drummond. In: **Drummond – seleta em prosa e verso**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. X

² ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova Reunião** (19 livros de poesia). 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 3

³ ANDRADE, op. cit. p. 42 (nota 2)

⁴ *ibid.*, op. cit. p. 305 (nota 2)

⁵ *ibid.*, op. cit. p. 189 (nota 2)

desejos.”⁶

A insatisfação humana refere-se, principalmente, ao cotidiano, à monotonia da vida: “O homem, bicho da terra tão pequeno/ chateia-se na terra/ lugar de muita miséria e pouca diversão.”⁷

A constante busca de novidades só faz com que o homem fuja de si mesmo, de sua realidade. Um dos traços dessa fuga está no sensualismo, também presente na obra drummondiana. Percebe-se uma tendência alegremente erótica em alguns poemas. No “Poema de sete faces”, tal erotismo vem por meio da fixação por pernas: “Para que tantas pernas, meu Deus, pergunta meu coração./ Porém meus olhos/ não perguntam nada.”⁸

Em **Brejo das almas**, há a exortação: “Oh! Sejam pornográficos/ (docemente pornográficos)./ Por que seremos mais castos/ que nosso avô português?”⁹ E em **A paixão medida**, a proposta para sermos “pornográficos” vai se concretizar em versos surpreendentes, como:

Trocaica te amei, com ternura dáctila
e gesto espondeu.
Teus iambos aos meus com força entrelacei.
Em dia alcmânico, o instinto ropálico
rompeu, leonino,
a porta pentâmetra.
Gemido trilongo entre breves murmúrios
E que mais, e que mais, no crepúsculo ecóico,
senão a quebrada lembrança
de latina, de grega, inumerável delícia?¹⁰

Há também o homem burguês, sério, de raros amigos, talvez o próprio poeta. Os problemas do mundo parecem não atingi-lo, outra forma de fuga: “O homem atrás do bigode/ é sério, simples e forte./ quase não conversa.”¹¹ Sua vida é tranqüila e confortável: “Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês. / O jornal conta histórias, mentiras.../ Ora afinal a vida é um bruto romance/ e nós vivemos folhetins sem o saber.”¹²

A posição confortável do burguês choca-se, porém, com a realidade dura, para a qual se sente despreparado. É o que vemos na quinta estrofe do Poema de sete faces: “Assim nos criam burgueses./ Nosso destino:

⁶ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

⁷ *id.* **As impureza do branco**. p. 20

⁸ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

⁹ *ibid.*, op. cit. p. 51 (nota 2)

¹⁰ *id.* **A medida certa**. p. 19

¹¹ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

¹² *ibid.*, op. cit. p. 18 (nota 2)

traçado./ Por que morrer em conjunto?/ E se todos nós vivêssemos?”¹³

E o pessimismo retorna, no sentimento do abandono. Este leva à descrença em Deus; é o que vemos em: “Meu Deus, por que me abandonaste/ se sabias que eu não era Deus/ se sabias que eu era fraco.”¹⁴ e em: “Não creio em vós para vos amar.”¹⁵

Nesse caso, a pilhéria é uma opção para se expressar: “E se Deus é canhoto/ e criou com a mão esquerda?/ isso explica, talvez, as coisas deste mundo.”¹⁶ O arrependimento também assume o ar do humor: “O homem arrependo-me/ da criação de Deus,/ mas agora é tarde.”

A descrença direciona-se também ao mundo. As crises, os problemas mundiais atordoam e a poesia não se mostra suficiente para resolvê-los: “Mundo mundo vasto mundo,/ se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução.”¹⁷

Porém, ao voltar-se para o mundo, com todos os seus problemas, a *persona* poética sente-se impelida a participar. A perplexidade diante de um mundo em ruínas atinge a todos: “Sim, meu coração é muito pequeno,/ só agora vejo que nele não cabem os homens.”¹⁸

Diante da falta de esperanças no mundo, o poeta define, em **A Rosa do povo**, seu papel nessa realidade dura e sem solução:

O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
promete ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta,
um verme.¹⁹

Misturam-se fúria e esperança descrente que o tornam um ser contraditório. Ele resume a perplexidade do homem moderno em uma personagem-símbolo:

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato

¹³ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

¹⁴ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

¹⁵ *id.* **Claro enigma**. p. 182

¹⁶ *id.* **Corpo**. p. 61

¹⁷ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

¹⁸ *ibid.*, op. cit. p. 85 (nota 2)

¹⁹ *ibid.*, op. cit. p. 126 (nota 2)

sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde? ²⁰

Há ainda, porém, nesse contexto, lugar para o lirismo, que foge, entretanto, do convencional. A visão do amor é marcada pelo desconsolo e pelo retraimento e o lirismo se quebra no traço cômico: “mas o amor car(o, a) colega, este não consola nunca de nuncaras” ²¹

Apesar disso, há a necessidade de sentir o amor, embora a fórmula hiperbólica também traga o efeito da quebra do lirismo. É o que se percebe em “Quero”, do livro **As impurezas do branco**:

Quero que todos os dias do ano
todos os dias da vida
de meia em meia hora
de 5 em 5 minutos
me digas: Eu te amo. ²²

Apesar do desejo do sentimento amoroso, há a incredulidade na promessa do amor:

Por mais que no teu falar
brilhe a promessa incessante
de um afeto a perdurar
até o mundo acabar
e mesmo depois – diamante
de mil prismas incendidos,
amarga-me o pensamento
de serem fingidos
e nos seus subentendidos
não vi, Amor, valimento. ²³

Na sétima e última estrofe do poema em estudo, a face anti-lírica, anti-sentimental demonstra a humanidade do poeta e uma espécie de

²⁰ *ibid.*, op. cit. p. 101 (nota 2)

²¹ *ibid.*, op. cit. p. 381 (nota 2)

²² *ibid.*, op. cit. p. 37 (nota 7)

²³ *ibid.*, op. cit. p. 16 (nota 17)

timidez da *persona* poética diante daquilo que a fragiliza: o sentimento amoroso. O ser *de ferro* parece não se sentir bem no papel lírico amoroso. Por isso, quando se torna mais sentimental não é por sua culpa, mas da natureza ou da bebida: “Eu não devia te dizer/ mas essa lua/ mas esse conhaque/ botam a gente comovido como o diabo.”²⁴ Como observa LIMA (1968), em Drummond, “o lirismo se mescla ao riso escarminho contra a própria dor.”²⁵

Em vários outros poemas, o humor dissolve o afetivo; há quebra do sentimentalismo ou do dramático através do cômico ou da expressão vulgar. No entanto, no poema *Nascer de novo*, há a constatação: “Amor, a descoberta/ de sentido no absurdo de existir.”²⁶

Por fim, é importante dizer que em suas mais de cinco décadas de produção literária, Drummond desenvolveu não só as sete faces prenunciadas no primeiro poema de seu primeiro livro, mas muitas outras que merecem ou a reflexão ou o deleite ou, preferencialmente, ambos. Lançemo-nos à tarefa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **A paixão medida**. 2. ed. Rio de Janeiro: José olympio, 1980.

_____. **As impurezas do branco**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. **Corpo** (novos poemas). 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

²⁴ *ibid.*, op. cit. p. 3 (nota 2)

²⁵ LIMA, Luiz Costa. **Lira e antilira** – Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S.A., 1968. p. 150

²⁶ *ibid.*, op. cit. p. 39 (nota 10)